

O ESTUDO DA ORELHA CONTRALATERAL EM PACIENTES COM TIMPANOESTAPEDOPEXIA

Rodrigo Gonçalves Dias, Cláudia Scherber Giugno, Bruno Siliprandi Pinto, Camila Scheffel, Yuri Petermann Jung, Viviane Bom Schmidt, Inesângela Canali, Sady Selaimen da Costa

Introdução: A timpanoestapedopexia geralmente determina perda auditiva mínima e é assintomática. Entretanto, na decisão terapêutica, a avaliação do resultado funcional, deve ser concomitante a análise da capacidade de autolimpeza, visto que as retrações da membrana timpânica são a principal via de formação dos colesteatomas. O estudo da orelha contralateral tem sido utilizado pelo nosso grupo como uma forma de inferir o grau de progressão das otites médias crônicas. Objetivos: O objetivo deste estudo foi descrever os achados otoscópicos da orelha contralateral nos pacientes com timpanoestapedopexia. Materiais e métodos: Estudo transversal, histórico e contemporâneo. 46 pacientes foram incluídos nesse estudo e classificados em pediátricos (menores de 18 anos) e adultos. A análise estatística foi executada com SPSS10.0, utilizando o teste chi-quadrado admitindo-se como estatisticamente significativos os valores de P menores que 0,05. Resultados e conclusões: A distribuição foi similar quanto ao gênero (53,2 % masculino); sendo 57,4% adultos. A avaliação da orelha contralateral a com timpanoestapedopexia foi normal em apenas 19,6%. Perfuração central da membrana timpânica foi observada em 6,5%, perfuração-retração em 17,4%, retração moderada ou severa em 28,3% e colesteatoma em 28,3% dos pacientes. A prevalência de colesteatoma na orelha contralateral entre o grupo pediátrico e adulto não apresentou diferença estatisticamente significativa (P=0.5). A grande prevalência de alterações significativas, especialmente de colesteatoma, na orelha contralateral nos alerta para uma provável evolução desfavorável nos casos de timpanoestapedopexia.